

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agro-bioenergia
Período de Análise: 01/01/2013 a 31/01/2013**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL 3

Etanol

Bolsa terá contratos de açúcar e etanol anidro – Folha de São Paulo. 10/01/2013	3
Eficiência do etanol equivale a 68% da gasolina. Fabiana Batista – Valor Econômico. 10/01/2013.....	4
Ameaça ao setor de álcool – O Globo. 10/01/2013	6
Coopersucar fecha mais dois acordos nos EUA. Fabiana Batista – Valor Econômico. 16/01/2013.....	7
Grupo Graal deslança negócios com etanol. Por Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico. 22/01/2013	7
Etanol pode subir 7% com gasolina – Valor Econômico. 22/01/2013.....	9
Monsanto quer impulsionar sorgo em etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico. 23/01/2013.....	10

POLÍTICA NACIONAL

Biodiesel

MDA renova uso do Selo Combustível Social para oito empresas – Site do MDA. 07/01/2013.....	11
Ministro debate ações em benefício da agricultura familiar com o diretor-geral da FAO – Site do MDA. 09/01/2013	12
Governo espera retomada da produtividade dos canaviais – Site do MAPA. 11/01/2013.....	13
Agricultores que comercializam oleaginosas para empresas de biodiesel recebem capacitação – Site do MDA. 14/01/2013	13

Etanol

Investimento de usinas em cogeração perde força. Fabiana Batista – Valor Econômico. 15/01/2013.....	14
BNDES destina R\$ 600 mi a etanol de bagaço de cana. Tatiana Freitas – Folha de São Paulo. 22/01/2013	16

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Produção de etanol nos EUA tem queda histórica. Mariana Caetano – Valor Econômico. 17/01/2013.....	16
--	----

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

Etanol

Bolsa terá contratos de açúcar e etanol anidro – Folha de São Paulo. 10/01/2013

A BM&FBovespa lança, no dia 28 deste mês, dois novos contratos derivativos de commodities para o setor sucroenergético.

As negociações incluirão um contrato futuro de açúcar cristal, com liquidação financeira, e um contrato futuro de etanol anidro carburante, com entrega física.

A partir do dia 29, a Bolsa inicia negociações com opções de compra e venda de açúcar. As opções com anidro não têm data prevista.

Marcelo Maziero, diretor-executivo de produtos e clientes da BM&FBovespa, diz que será a primeira Bolsa no mundo a oferecer à cadeia um portfólio completo de derivativos de commodities sucroenergéticas. Além dos dois contratos novos, a Bolsa já tem um de etanol hidratado.

Esses contratos são uma oportunidade única para que o mercado faça as negociações internamente, inclusive com a formação dos preços no Brasil, segundo Maziero.

A possibilidade de negociação desses três contratos na mesma Bolsa vai facilitar as operações de todas as empresas e produtores ligados ao setor, diz ele.

As negociações serão referências para produtores, consumidores e intermediários, diz o diretor-executivo.

Uma outra vantagem desses contratos é que as operações serão feitas em reais, o que diminui os custos das empresas nas operações, segundo Fabiana Perobelli, gerente de produtos do agronegócio da Bolsa.

Fabiana acredita que o mercado futuro ligado ao setor sucroenergético será crescente a partir de agora, apesar das dificuldades ocorridas nos anos anteriores. "2013 terá um cenário favorável às negociações", diz ela.

Internamente, o setor terá uma oferta maior de cana para processamento, mas as usinas terão de se prevenir contra as indefinições de preço. O governo deverá reajustar a gasolina, elevar a mistura para 25% e o açúcar perde a grande vantagem que tinha no mercado externo.

Além disso, há incertezas na política de energias renováveis nos Estados Unidos. O presidente Barack Obama tem dificuldades para manter os subsídios no setor.

O contrato de açúcar será de 508 sacas. O de anidro, de 30 mil litros.

No bolso A chegada da entressafra da cana já provoca alta de 4% nos preços do álcool nos postos de abastecimento da cidade de São Paulo. É o que aponta pesquisa da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisa Econômicas) referente aos últimos 30 dias.

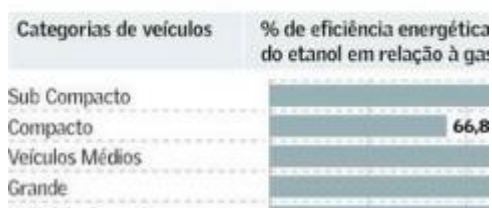
Eficiência do etanol equivale a 68% da gasolina. Fabiana Batista – Valor Econômico. 10/01/2013

A eficiência energética média do etanol na maior parte dos veículos vendidos no país é ainda inferior a 70% do desempenho da gasolina, nível indicado como referência no mercado. Na média, essa eficiência é de 68%, sendo que em apenas 10% dos carros esse desempenho é igual ou superior a 70%. A tendência é de essa relação permanecer desvantajosa ao biocombustível. No último ano, o ganho de eficiência obtido por veículos vendidos no país foi maior no uso de gasolina do que de etanol.

Os cálculos foram feitos pelo **Valor** com base em medição do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro) com veículos que respondem por 83% das vendas no mercado nacional. Para 2013, foi auferida a eficiência energética de 327 modelos de 25 marcas diferentes. No ano passado, foram 151 modelos.

Baixa

Eficiência energética média do etanol em veíc



A medição do Inmetro começou em 2008 e integra o Programa Brasileiro de Etiquetagem (PBE), o mesmo que concede selo de consumo de energia a eletrodomésticos. A partir deste ano, participar do PBE Veicular é pré-requisito para montadoras que aderirem ao novo regime automotivo, que prevê incentivos fiscais às empresas que, entre outras exigências, melhorarem a eficiência energética de seus veículos.

Os modelos foram classificados dentro de cinco categorias - A, B, C, D e E, sendo "A" a de menor consumo energético e a "E", de maior consumo, tanto de gasolina quanto de etanol, na estrada e na cidade. Cada veículo foi enquadrado dentro de sua categoria conforme a projeção de sua área no solo - Sub Compacto, Compacto, Médio, Grande, etc - e também em comparação com todas as categorias. O Inmetro também divulga nessa lista a emissão de gases de efeito estufa pelo escapamento de cada um desses 327 veículos.

O diretor da Qualidade do Inmetro, Alfredo Lobo, explicou que de 2012 para 2013 foi observada uma melhora da eficiência energética entre os veículos da categoria Sub Compacto com classificação A, ou seja, de menor consumo de energia. A medição divulgada no começo de 2012 indicava que, na média, esses veículos rodavam 8,8

quilômetros com um litro de etanol. Na lista divulgada em 2013, essa eficiência aumentou 3,4%, para 9,1 quilômetros.

Para os mesmos veículos, o ganho de eficiência com a gasolina foi maior na mesma comparação. Os motores, em média, percorriam 12,6 quilômetros por litro de gasolina, conforme medição divulgada em 2012. A medição de 2013 verificou que esse desempenho subiu 4,7%, para 13,2 quilômetros por litro de gasolina. "De fato, observamos que os ganhos de eficiência alcançados pelos motores foram muito mais significativos no uso da gasolina do que no uso de etanol", afirma Lobo.

O fato é que a tecnologia flex-fuel reduziu a eficiência energética do etanol em relação à gasolina, explica o presidente da consultoria Datagro, Plínio Nastari. Essa relação, tecnicamente chamada de "preço relativo de indiferença entre etanol hidratado e gasolina" era na década de 90, na média, de 80,67% na frota de carros movidos exclusivamente à álcool, explica Nastari. "A configuração do motor flex-fuel tem como base a motorização à gasolina, o que trouxe, na média, desvantagem ao etanol", detalha.

Dos 327 veículos medidos pelo Inmetro na lista de 2013, 220 têm motor flex-fuel. Desses, 184 apresentaram rendimento com etanol abaixo de 70% da eficiência energética da gasolina. O melhor desempenho com etanol na comparação com o combustível fóssil foi de 72,8%, encontrado em um modelo da categoria Sub Compacto, na qual estão os modelos Uno e Novo Uno (Fiat), Ka (Ford), Picanto (KIA), March (Nissan) e Clio (Renault). Na média entre todos os veículos dessa categoria, esse percentual de eficiência do etanol é de 68,8%, a maior média entre os grupos. No critério eficiência energética total, 14 modelos do total de 33 enquadrados nessa categoria obtiveram o selo "A", de menor consumo de combustível.

A menor média de eficiência de etanol/gasolina veio da categoria Compacto (66,8%). Ao usar etanol, os veículos médios e grandes medidos pelo Inmetro apresentaram desempenho energético de 67,8% da eficiência que tiveram com gasolina. É preciso observar que um modelo que tem menor eficiência com uso de etanol não necessariamente tem menor eficiência energética de forma geral. Costumam, sim, ter maior eficiência no uso de gasolina. Segundo o Inmetro, é estratégia de cada montadora calibrar seus motores para serem mais eficientes no uso de um ou outro combustível.

Agora que o Inmetro tem medido o desempenho energético de veículos que representam mais de 80% do mercado nacional, fica mais fácil ao consumidor comparar as informações de consumo de combustível, emissões de gases poluentes, entre outros indicadores de qualidade dos veículos que pretendem adquirir, explica o presidente do Inmetro, João Jornada. Segundo ele, metade dos veículos que aderiram ao PBE vão estampar a etiqueta do Inmetro no vidro do automóvel.

Com base nas informações do Inmetro, o motorista também pode calcular a viabilidade para seu veículo de usar etanol ou gasolina, conforme o preço de mercado dos dois combustíveis. Na média, era viável usar o biocombustível quando seu preço equivalia a, no máximo, 70% do valor do combustível fóssil, dada a ideia difundida de que sua eficiência energética média equivalia a 70% da eficiência da gasolina.

Considerando que a média de eficiência é de 68%, deixa de ser vantajoso ao consumidor abastecer com etanol, por exemplo, no Estado de São Paulo. No último

levantamento de preços da Agência Nacional de Petróleo (ANP) referente à semana encerrada no dia 5 de janeiro, foi verificado que o valor médio do litro do etanol hidratado nos postos de combustíveis do Estado foi de R\$ 1,824, equivalente a 69,16% do preço médio da gasolina. Para ser mais vantajoso em São Paulo, o preço médio do litro do etanol deveria estar abaixo de R\$ 1,7936.

Ameaça ao setor de álcool – O Globo. 10/01/2013

Uma das principais locomotivas de nosso agronegócio, a cadeia produtiva da cana-de-açúcar vem sendo duramente prejudicada pela política governamental de controle inflacionário.

Ao impedir aumentos nos preços dos combustíveis, o governo, além de trazer prejuízos à Petrobras - reduzindo-lhe a rentabilidade e as condições de realizar novos investimentos -, afeta o mercado do etanol, que é atrelado ao preço da gasolina. Estima-se que a defasagem do preço da gasolina esteja em torno de 19%.

Um verdadeiro absurdo. O mundo reconhece e admira a capacidade do Brasil de produzir energia alternativa renovável a partir da cana-de-açúcar. Trata-se de uma cadeia produtiva importante, onde temos grandes vantagens competitivas.

A cana é matéria-prima que se transforma em açúcar, álcool, cachaça e diversos outros produtos. O bagaço da cana gera energia, é utilizado para a alimentação animal, para a confecção de plástico, papel etc. Toda essa extraordinária cadeia produtiva, ecologicamente sustentável, está ameaçada.

Em outubro do ano passado, o governo federal reduziu o percentual de álcool na gasolina de 25% para 20%. Uma medida equivocada, que precisa ser revertida com urgência.

Além das condições adversas de mercado, o setor foi recentemente afetado por problemas climáticos. Prejudicados por menor produção, preços baixos e a inexistência de uma política estável, os produtores não têm ânimo para investir na renovação dos canaviais. Dessa forma, a produtividade cai e os problemas se agravam. Enfim, um círculo virtuoso torna-se vicioso.

Se o governo quer conceder subsídio ao petróleo, não deveria fazê-lo por meio de uma política de preços artificiais. Poderia lançar mão de outros instrumentos que estão ao seu alcance.

Não adianta disponibilizar linhas de crédito nas instituições oficiais para compensar a redução na rentabilidade do setor. Isso é um retrocesso. Já se passou o tempo em que víamos usineiros pendurados no então Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), sobrevivendo às custas de financiamentos subsidiados. Ganhavam aqueles que tinham o melhor lobby.

A lógica de hoje é outra. Os vetores importantes são produtividade, eficiência e rentabilidade. Não se constrói um segmento empresarial forte sem proporcionar segurança, regras estáveis e condições de lucratividade.

Coopersucar fecha mais dois acordos nos EUA. Fabiana Batista – Valor Econômico. 16/01/2013

A trading de etanol Eco-Energy, controlada pela brasileira Copersucar, fechou acordo de comercialização com outras duas usinas produtoras de biocombustível dos Estados Unidos. Os volumes de produção da Lincolnway Energy (com 208 milhões de litros), localizada em Nevada, Iowa, e da Corn Plus Ethanol (com 185 milhões de litros), de Winnebago, em Minnesota, são suficientes para ampliar a capacidade de movimentação da Eco-Energy em 8%.

O presidente do conselho de administração da Copersucar, Luís Roberto Pogetti, informa que, neste momento, a Eco-Energy tem negociado acordos com diversas usinas americanas. Segundo ele, a expectativa desse plano é ganhar a adesão de três a cinco plantas de etanol durante o ano de 2013.

Agora com 18 usinas parceiras, a Eco-Energy, com sede no Estado americano do Tennessee, se relaciona com seus parceiros comerciais de forma semelhante à da Copersucar, com a diferença de que as usinas que têm contrato de exclusividade com a companhia brasileira são, ao mesmo tempo, sócias dela.

Com suas parceiras, a Eco-Energy tem contratos que variam de um a três anos e com exclusividade de comercialização da totalidade do biocombustível. Assim como a sua controladora Copersucar, a trading americana também negocia no mercado spot (sem contrato).

Somado, o volume movimentado pelas duas tradings em 2012 foi de 10 bilhões de litros de etanol, que representa 12% do mercado global do biocombustível. Segundo projeções, esse volume em 2013 deve subir para 12,5 bilhões de litros (7,5 bilhões de litros vindos da Eco-Energy e 5 bilhões de litros provenientes da Copersucar). Na ocasião da compra do controle da Eco-Energy, em novembro do ano passado, a Copersucar anunciou a meta de elevar esse volume para 18 bilhões de litros em 2016.

Na avaliação de Luís Roberto Pogetti, as duas empresas já estão trabalhando na mesma plataforma de negócios, o que possibilita a integração de operações de comercialização e logística no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa, onde a Copersucar tem escritório e armazenamento instalados na Holanda. A participação majoritária da Copersucar na Eco-Energy foi aprovada pelos órgãos reguladores americanos no mês passado.

Grupo Graal deslança negócios com etanol. Por Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico. 22/01/2013

Graal, vai fazer parcerias com usinas tradicionais e prevê investimento nos EUA

O Grupo Graal, criado pelos irmãos Bernardo e Miguel Gradin, está acelerando os projetos de expansão nas áreas de biotecnologia e de óleo e gás no Brasil. Ontem, a empresa de participações do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES Par) anunciou a compra de uma fatia de 15% da companhia ainda pré-operacional de biotecnologia do grupo, a GraalBio, por R\$ 600 milhões, conforme antecipou o Valor PRO, serviço de informações em tempo real do Valor. A divisão de

O&G, que é 100% controlada pela família, vai anunciar nas próximas semanas aporte em ativos para dar início às operações nesse segmento com o foco em infraestrutura, bens e serviços. Os Gradin também possuem projetos em mineração, mas ainda estão em análise.

Criada em junho de 2011, a GraalBio surgiu como alternativa à produção de etanol no país, com tecnologia diferenciada. A proposta dos Gradin é produzir biocombustíveis e bioquímicos de segunda geração. Atualmente, há vários projetos anunciados no mundo, mas todos ainda em fase incipiente. No mercado, a empresa dos Gradin está avaliada em R\$ 4 bilhões, considerando o aporte de R\$ 600 bilhões do BNDESPar para a compra de 15% da companhia. "Entendemos que o projeto da GraalBio é considerado inovador, com a expectativa de tornar o país pioneiro em tecnologia da chamada 'química verde' e no desenvolvimento de biocombustíveis celulósico", disse Júlio Ramundo, diretor do banco.

Para viabilizar o projeto, Bernardo Gradin, presidente do Grupo Graal, assinou acordo com a Beta Renewables, joint venture entre a Chemtex, braço da companhia química italiana Mossi & Ghisolfi (M&G) e o fundo TPG, para usar no Brasil a tecnologia Proesa, que produz esse tipo de etanol, e firmou contratos com outros grupos, como a Novozymes para o fornecimento de enzimas e DSM, que providenciará as leveduras geneticamente modificadas no processo de produção do álcool.

Até o início dos anos 2000, o Brasil era líder global na produção de etanol, mas foi ultrapassado pelos EUA. A perda da liderança colocou em xeque a retomada do setor sucroalcooleiro, que passou a fazer fortes investimentos em expansão a partir de 2003, com o início das vendas de carros flexfuel no país.

Até então, as apostas no mercado de etanol de segunda geração nunca foram levadas a sério pelo mercado. Mas ganharam força nos últimos anos, com investimentos de empresas americanas em projetos nesse sentido e a crise financeira das tradicionais produtoras de etanol no Brasil.

A GraalBio começa a operar no início de 2014 sua primeira fábrica de etanol de segunda geração. Essa unidade, instalada em Alagoas, terá capacidade para produzir 82 milhões de litros de etanol/ano.

Mas os planos dos Gradin são mais ambiciosos. Até 2020, a companhia pretende produzir por ano 1 bilhão de litros de etanol. Nos próximos sete anos, pretende erguer dez fábricas de biocombustíveis, duas unidades de bioquímicos (etanol voltado para indústrias químicas/farmacêuticas) e duas biorrefinarias flexíveis (voltadas para biocombustível e bioquímicos). Esses investimentos serão de R\$ 4 bilhões. Além dos R\$ 600 milhões do BNDES, que serão desembolsados à medida que o projeto avança, o grupo pretende fazer captação no mercado, por meio de dívidas, e não descarta abrir o capital da companhia. "Estudamos esse mercado nos últimos meses e percebemos o potencial de expansão no mercado doméstico", disse Bernardo Gradin.

Os Gradin também assinaram 20 memorandos de entendimento com usinas tradicionais da região Centro-Sul do país para fornecimento de matéria-prima, como palha e bagaço de cana, e podem firmar com algumas dessas usinas parcerias - em formato de

Sociedade de Propósito Específico (SPE) - para produção de biocombustíveis. No EUA, a família avalia a compra de ativos, seja em tecnologia ou na área produtiva.

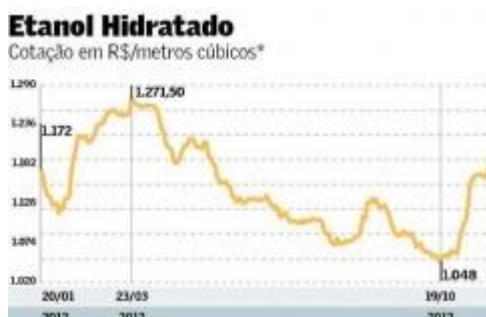
Ao Valor, Miguel Gradin, responsável pela área de óleo e gás, afirmou que as operações da empresa de óleo e gás do grupo deverão ter início ainda neste semestre.

Bernardo e Miguel Gradin construíram suas carreiras no grupo Odebrecht - a família atualmente está em litígio com o conglomerado baiano, do qual é acionista. Os Gradin disputam na Justiça uma fatia de 20,6% da Odebrecht Investimento (Odbinv).

Etanol pode subir 7% com gasolina – Valor Econômico. 22/01/2013

O provável reajuste do preço da gasolina ao consumidor em 2013 deve trazer impacto direto aos preços do etanol hidratado - que concorre diretamente com a gasolina pela preferência do motorista dos carros-flex. Segundo cálculos da consultoria FG/AGRO, se o reajuste na gasolina for de 7%, o litro do hidratado na usina poderia subir em torno de 6% (ante a média de R\$ 1,15 mil da safra atual), a R\$ 1,22 mil o metro cúbico - referência Esalq/BM&F, em Paulínia.

Para Luiz Gustavo Corrêa, da FG/AGRO, parte do reajuste esperado para a gasolina já foi antecipado pelo mercado. Ontem, o indicador Esalq BM&F para o hidratado em Paulínia (SP) subiu pelo quarto dia consecutivo. O litro atingiu o preço de R\$ 1.201,50, alta de 0,38% em relação ao dia anterior. "Na prática, o etanol acompanhará a gasolina até o patamar de 70% do preço do concorrente fóssil", diz Corrêa. O especialista prevê, porém, que no curto prazo pode haver uma pressão de mais oferta de etanol no mercado (e nos preços), uma vez que o consumo interno ainda não reagiu, as usinas carregam estoques nesta entressafra e a moagem da próxima safra começará mais cedo.



"Isso pode fazer com que o preço até recue no curto prazo. A partir de setembro, porém, as cotações voltariam a se equilibrar no patamar de R\$ 1,22 mil por metro cúbico (base Paulínia)", afirmou Corrêa. Ele acrescenta que, apesar da tendência de uma provável alta do preço da gasolina refletir diretamente nos preços do etanol, o efeito desse reajuste para o fluxo de caixa das usinas será suficiente apenas para recompor a inflação do ano passado.

O maior ganho para as usinas nesta temporada 2013/14 virá da recuperação dos canaviais, o que elevará a escala da produção, fazendo com que se reduza a capacidade

ociosa das fábricas, explica Corrêa. "Essa condição permitirá à indústria suportar os menores preços do açúcar e preços equivalentes no etanol", diz.

Assim, segundo prevê a consultoria, mesmo com um aumento do preço da gasolina, a próxima safra será de margens iguais ou levemente inferiores às registradas no ano passado. "É preciso observar, no entanto, que elas serão nominalmente superiores (maior quantidade de cana) e suficientes para fazer frente ao serviço e amortização de parte do principal da dívida", avalia Corrêa, ao mencionar empresas que estão financiadas (no curto e no longo prazos) adequadamente.

Monsanto quer impulsionar sorgo em etanol. Fabiana Batista – Valor Econômico. 23/01/2013

A partir de quatro híbridos de sorgo sacarino, a multinacional Monsanto produziu para este ano sementes suficientes para cultivar uma área de 30 mil a 40 mil hectares, mas comercializou menos da metade desse volume. O resultado dos experimentos com o uso dessa planta na produção de etanol - iniciados há três anos - ainda está abaixo do nível considerado mínimo para justificar o cultivo em escala comercial. Mas a Monsanto quer acelerar esse processo.

A multinacional convidou a Case IH para desenvolver adaptações nas máquinas de cana para plantio e colheita de sorgo. A produtora de enzimas Novozymes se comprometeu a fornecer enzimas já desenvolvidas para otimizar a extração de açúcares do sorgo. Três grupos produtores de etanol - Raízen, Nova Fronteira Bioenergia (São Martinho / Petrobras Biocombustível) e CleÁlcool - vão abrigar campos demonstrativos para testar as tecnologias.

Batizado de "Desafio de Produtividade Sorgo Sacarino" o projeto tem a ambição de elevar a produtividade média da gramínea dos campos experimentais da casa dos 1,2 mil a 1,5 mil litros por hectare para 2,5 mil litros já na safra 2013/14, diz o líder de Negócios de Cana da Monsanto, José Carlos Carramate.

Um desafio e tanto, se considerar que em alguns projetos, a produtividade do sorgo foi de 900 litros de etanol por hectare, como ocorreu na Raízen, a maior empresa do setor sucroalcooleiro - resultado de uma joint venture entre a Cosan e a Shell. "Mas acreditamos no potencial do sorgo. Ano passado foi o primeiro de experimentos e tivemos atrasos que influenciaram nos resultados finais", explica o diretor agrícola da Raízen, Cássio Manin Paggiaro. Duas usinas da empresa - Bom Retiro (SP) e Junqueira (SP) - abrigarão 20 hectares cada com sorgo sacarino e testarão as tecnologias de maquinário agrícola e de enzimas do projeto. A Raízen tem ainda outros 680 hectares cultivados com sorgo na região de Piracicaba independentes desse projeto.

As mesmas colheitadeiras de cana serão usadas nas áreas de sorgo, no entanto, com adaptações, diz Fábio Balaban, especialista em marketing de produto da Case IH. A ideia é acoplar às máquinas plataformas maiores para colher sorgo - de quatro linhas, que medem 2,80 metros, quase duas vezes maior do que a plataforma da colheitadeira convencional, que mede 1,50 metro. Com isso, espera-se uma maior eficiência na colheita. Balaban diz ainda que os motores terão potência reduzida durante o período de colheita do sorgo, para otimizar o uso da máquina e de combustíveis.

Essa é a primeira vez que a Novozymes entra em um projeto de sorgo. Até então, as enzimas da empresa vinham sendo demandadas no Brasil para projetos de pesquisa de etanol e químicos de segunda geração a partir de resíduos da cana. Diego Camloffski, gerente de contas de Bioenergia da Novozymes, diz que os primeiros testes com enzimas na conversão de amido do sorgo em açúcares para produção de etanol gerou um aumento da produtividade do biocombustível de 6%, além de minimizar a viscosidade gerada pelo amido no processo industrial.

Conforme estimativa da Embrapa, a área plantada com sorgo sacarino no Brasil em 2011/12 foi de 20 mil hectares e, em meados do ano passado, a empresa de pesquisa previa que essa área poderia atingir 100 mil hectares em 2012/13.

A Monsanto, que investe por ano de R\$ 30 milhões a R\$ 35 milhões na sua divisão de cana-de-açúcar, cuja marca é CanaVialis, acredita que o potencial do mercado de sorgo sacarino é de uma área de 1,3 milhão de hectares somente para produção de etanol. Trata-se de 15% de renovação anual de cana-de-açúcar.

POLÍTICA NACIONAL

Biodiesel

MDA renova uso do Selo Combustível Social para oito empresas – Site do MDA. 07/01/2013

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) renovou a concessão de uso do Selo Combustível Social de oito unidades produtoras de biodiesel dos estados de Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Rio Grande do Sul. Juntas, essas empresas produziram, em 2012, aproximadamente 34% do total de biodiesel produzido pelo país durante o ano, ou seja, cerca de 734 mil metros cúbicos de biodiesel. Elas participam do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB).

Com as renovações, permanece em 40 o número de unidades produtoras de biodiesel que prestam assistência técnica a agricultores familiares em todo o Brasil (70% do total de usinas no País). De 2008 a 2012, as oito usinas adquiriram R\$ 2,3 bilhões em matérias-primas da agricultura familiar de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, beneficiando mais de 60 mil estabelecimentos e 70 cooperativas.

As empresas que tiveram a concessão renovada são: Usina Barralcool S.A., de Barra dos Bugres (MT); Oleoplan S.A. Óleos Vegetais Planalto, de Veranópolis (RS); Granol Indústria, Comércio e Exportação S.A., de Cachoeira do Sul (RS); Granol Indústria, Comércio e Exportação S.A, de Porto Nacional (TO); Caramuru Alimentos S.A., de São Simão (GO); BSBIOS Indústria e Comércio de Biodiesel Sul Brasil S.A., de Passo Fundo (RS); Fiagril Ltda., de Lucas do Rio Verde (MT); e JBS S.A., de Lins (SP).

O coordenador de Biocombustíveis do MDA, André Machado, ressalta que o PNPB tem papel importante para a geração de renda e trabalho para a agricultura familiar. "O

cultivo da matéria-prima para a produção de óleos vegetais e de biodiesel cria oportunidades de acesso a mercados e capacitação tecnológica para os agricultores familiares, estimulando sua inclusão social e produtiva", diz Machado.

Benefícios

As empresas que possuem o Selo Combustível Social adquirem matéria-prima da agricultura familiar, promovem o desenvolvimento regional e a inclusão social. O Selo garante condições especiais para as empresas produtoras de biodiesel, como a participação no biodiesel negociado nos leilões públicos da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), sendo que 80% do volume de biodiesel comercializado pela ANP é destinado às empresas que têm o Selo.

Além disso, as empresas com o Selo têm diferenciação no pagamento de tributos – sobre o PIS/Pasep e Cofins – e podem promover sua imagem no mercado, pois sua participação no Programa significa que ela fomenta a produção de matéria-prima da agricultura familiar, promove o desenvolvimento regional e a inclusão social.

A renovação da concessão de uso do Selo Combustível Social foi publicada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário no Diário Oficial da União.

Ministro debate ações em benefício da agricultura familiar com o diretor-geral da FAO – Site do MDA. 09/01/2013

O ministro do Desenvolvimento Agrário (MDA), Pepe Vargas, reuniu-se, na manhã desta quarta-feira (9), com o diretor-geral da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), José Graziano da Silva. O encontro tratou de assuntos como as mudanças no Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) para a juventude e a pobreza rural, que reduziu as taxas de juros de 5% para 2%.

De acordo com o ministro, a medida assegura aos jovens rurais entre 18 e 29 anos e às famílias de agricultores em situação de pobreza juros de 1% e 0,5%, respectivamente. “Para esses jovens é a garantia de melhores condições de desenvolvimento, produção e comercialização”, enfatizou Pepe. O ministro lembrou que cerca de 1/3 dos beneficiários do PNCF são jovens.

Graziano ressaltou as ações da FAO desempenhadas na África, como o apoio na compras de produtos da agricultura familiar para a merenda escolar, semelhante ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), e reiterou o auxílio aos programas do Ministério do Desenvolvimento Agrário. "Fico contente em saber desta revitalização do crédito fundiário, muito importante para a sucessão rural, para a permanência dos jovens no campo", externou.

Mais Alimentos

O diretor-geral da FAO citou, ainda, o Mais Alimentos, classificando-o como um dos programas de crédito que, em breve, vai possibilitar a mecanização em diversos países africanos, aumentando a produtividade e a renda e melhorando as condições de trabalho dos agricultores familiares.

José Graziano também agradeceu ao ministro pela participação na 39ª Sessão do Comitê de Segurança Alimentar Mundial da FAO, no mês de outubro, em Roma, na Itália. E convidou o ministro para que participe da Conferência da FAO, que será realizada em junho deste ano, novamente na capital italiana.

Governo espera retomada da produtividade dos canaviais – Site do MAPA. 11/01/2013

Prorenova foi prorrogado por mais um ano, com dotação de R\$ 4 bilhões

A crise financeira mundial de 2008 e as adversidades climáticas, com um ano de excesso de chuva seguido de estiagem, fez com que o produtor rural não renovasse seu canavial nem aplicasse os tratamentos culturais adequados à manutenção da produtividade. A justificativa é do secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Gerardo Fontelles, após o BNDES divulgar a prorrogação do Programa de Apoio à Renovação e Implantação de Novos Canaviais (Prorenova). “Com o programa, espera-se o retorno da produtividade, pelo menos, aos patamares anteriores à crise, que era em média entre 80 e 85 toneladas por hectares”, disse.

O Programa Prorenova foi prorrogado até 31 de dezembro deste ano e terá recursos de R\$ 4 bilhões. Lançado no início de 2012, o programa tem como objetivo incentivar a produção de cana-de-açúcar por meio de financiamento à renovação dos canaviais antigos e à ampliação da área plantada. Esta é uma condição fundamental para aumentar a produtividade da lavoura brasileira de cana e, conseqüentemente, expandir a produção de açúcar e etanol.

No primeiro ano de operação, o programa teve dotação de R\$ 4 bilhões, tendo registrado mais de 70 operações, no valor de R\$ 1,4 bilhão, até 31 de dezembro último. Os recursos viabilizaram o plantio de cerca de 410 mil hectares, dos quais 80% destinados à renovação de canaviais. O Brasil renova cerca de 1,6 milhão de hectares de lavoura de cana por ano.

A intenção do governo é que o Prorenova seja permanente, levando-se em conta a necessidade de renovação de 20% da área plantada de cana por ano.

O governo e a iniciativa privada estão investindo também em pesquisa para o lançamento de novas variedades de cana adaptadas às condições da região Centro-Oeste.

Agricultores que comercializam oleaginosas para empresas de biodiesel recebem capacitação – Site do MDA. 14/01/2013

Agricultores familiares de seis municípios do Mato Grosso do Sul, que comercializam matéria-prima para a fabricação de biodiesel, participarão de um curso de capacitação sobre regulagem de máquinas agrícolas, entre os dias 15 e 18 deste mês. O treinamento será oferecido pela usina Cargill Agrícola S.A., que recebeu em novembro passado a

autorização do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para utilizar o Selo Combustível Social.

O programa garante condições especiais para as empresas produtoras de biodiesel, como a participação no biodiesel negociado nos leilões públicos da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Em contrapartida, estabelece obrigações às usinas. A aquisição de um percentual mínimo de matéria-prima dos agricultores familiares no ano de produção de biodiesel, os serviços de assistência técnica e as capacitações, são algumas das exigências.

“A capacitação oferecida complementa as ações já desenvolvidas pelo MDA para estimular a produção do biodiesel e a inclusão social dos agricultores familiares produtores de matéria-prima”, avalia o delegado federal do MDA em Mato Grosso do Sul, João Batista dos Santos.

Com carga horária de 2h30, o curso priorizará a produção e a colheita das oleaginosas. Os participantes conhecerão técnicas específicas para melhor utilização dos equipamentos. O treinamento será ministrado nos municípios de Rio Brillhante, Caarapó, Ponta Porã, Dourados, Maracaju e São Gabriel D'Oeste. Os agricultores familiares dos municípios vizinhos também poderão participar.

A Cargill Agrícola S.A., com sede no município de Três Lagoas (MS), já possui 321 contratos com agricultores familiares que produzem soja no estado, principal oleaginosa cultivada na região.

O Selo Combustível Social integra as ações desenvolvidas pelo MDA para promover a inserção qualificada de agricultores familiares na cadeia de produção do biodiesel. A iniciativa compõe o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), que foi criado pelo Governo Federal, em 2004, para implementar de forma sustentável a produção e o uso do biodiesel, com enfoque na inclusão social e no desenvolvimento regional, via geração de emprego e renda.

Etanol

Investimento de usinas em cogeração perde força. Fabiana Batista – Valor Econômico. 15/01/2013

Eduardo Cavalcanti, do BNDES: após amargarem um recuo de 41% em 2011, liberações de crédito para projetos de cogeração recuaram 18% no ano passado

No momento em que o país discute a segurança energética e os preços da energia batem recordes no mercado livre, o interesse de usinas sucroalcooleiras por investimentos em cogeração com bagaço de cana-de-açúcar se apresenta entre os mais baixos dos últimos anos.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o principal financiador desse tipo de negócio no país, tem hoje em carteira apenas dois projetos de cogeração - um deles, da Adecoagro, anunciado ontem (*ver texto abaixo*). Nos leilões do mercado regulado, onde se negocia cerca de 75% da eletricidade consumida no país, os preços médios caíram 10% em 2012, o que ajudou a minar de vez o interesse já arranhado do investidor.

O chefe do Departamento de Biocombustíveis do BNDES, Carlos Eduardo Cavalcanti, conta que, em 2012, a instituição tinha em carteira quatro projetos dessa natureza, o que já era um número baixo, se comparado à demanda de anos anteriores. No entanto, depois dos preços baixos praticados no último leilão, no fim do ano, três deles comunicaram ao banco a desistência de seguir em frente.

Realizado em dezembro de 2012, o único leilão regulado do ano passado teve a inscrição de dez projetos de biomassa. Nenhum deles vendeu energia devido ao preço médio baixo, de R\$ 91,25 Megawatt/hora (MWh), uma queda de 10,74% em relação ao preço médio de 2011, que já foi baixo, explica o sócio da consultoria FG Agro, Cláudio Barreira.

Em 2008, quando foram feitos os primeiros leilões exclusivos para negociação de energia de biomassa, o preço médio atingiu R\$ 152,92 o MW/h, segundo a consultoria. Esse valor veio recuando até chegar, em 2011, à média de R\$ 102,23 o MW/h, abaixo do custo de investir nessa energia, na casa dos R\$ 130 a R\$ 140 por MW/h - no caso das ampliações a partir de uma unidade de cogeração já existente, os chamados "retrofits".

Dessa forma, os desembolsos do BNDES para projetos dessa natureza voltaram a recuar em 2012. Foram concedidos R\$ 700 milhões para cogeração no ano passado, 18% menos do que em 2011, quando as liberações já haviam caído 41% em relação a 2010. "Não há sinais de que esse desinteresse possa se reverter de forma significativa em 2013", diz Cavalcanti.

Entre 2006 e 2011, o BNDES chegou a financiar 110 plantas de cogeração, uma média anual de 18 projetos - 52 retrofits (2 mil MW) e 58 "greenfields" (1,6 mil MW). Juntos, eles somavam uma potência instalada de 3,6 mil MW, o suficiente para abastecer por um ano uma cidade com 7 milhões de habitantes.

Os preços recordes da energia negociada no mercado livre, que chegaram a bater R\$ 500 o MW/h em janeiro, estão viabilizando alguns investimentos em unidades retrofit, mas são casos pontuais. Segundo o sócio da FG Agro, Luiz Gustavo Correa, fora dos leilões regulados, cujos contratos são de 15 anos de duração, é possível fazer vendas de prazo de cerca de três anos a R\$ 120 o MW/h (energia incentivada, ou seja, de projetos com potência máxima de 30 MW). Mas ele pondera que esse tipo de negócio só traz retorno se o projeto demandar investimento mais baixo do que a média por alguma razão particular da usina, como por exemplo, pouca necessidade de investimento em conexão (linha e subestação).

A capacidade instalada ligada à rede de energia do Brasil ainda é marginal quando comparada ao seu potencial, explica Correa. "Dos 6,487 mil MW médios que usinas de cana do Brasil têm potencial para produzir, apenas 792 MW médios estão interligados

ao sistema elétrico nacional. Os 5,695 mil MW restantes equivalem a mais de duas vezes uma usina hidrelétrica do porte de Jirau", diz o especialista.

BNDES destina R\$ 600 mi a etanol de bagaço de cana. Tatiana Freitas – Folha de São Paulo. 22/01/2013

Banco se torna sócio da GraalBio, que prevê investir R\$ 4 bilhões em sete anos

A GraalBio receberá R\$ 600 milhões do BNDESPar (braço de participações do BNDES) para investir em etanol produzido de bagaço e palha da cana-de-açúcar.

O banco se tornará sócio da companhia de biotecnologia da família Gradin (antigos sócios da Braskem), com 15% das ações com direito a voto.

Os recursos do BNDES serão utilizados no desenvolvimento de tecnologias para a produção do chamado etanol de segunda geração e de produtos químicos feitos com matéria-prima renovável.

Segundo Júlio Ramundo, diretor do BNDES, os aportes serão feitos nos próximos sete anos em conjunto com os investimentos dos Gradin.

Os controladores devem concluir até o início de 2014 a primeira fase de investimento, com R\$ 300 milhões destinados à construção da primeira fábrica, em Alagoas, e de um parque tecnológico em Campinas (SP).

O plano de negócios da empresa prevê R\$ 4 bilhões em investimentos nos próximos sete anos, período em que pretende se tornar líder mundial na produção de etanol celulósico e de bioquímicos.

Esse é o primeiro investimento do BNDES na nova geração de produção de etanol.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Produção de etanol nos EUA tem queda histórica. Mariana Caetano – Valor Econômico. 17/01/2013

A tensa combinação entre baixa demanda por gasolina, elevados estoques e altos preços do milho empurrou ladeira abaixo a produção de etanol nos Estados Unidos, que recuou ao menor nível já registrado pela Administração de Informações de Energia (EIA, na sigla em inglês), desde que esses dados começaram a ser compilados, em 2010.

Na semana encerrada em 11 de janeiro, a produção americana do biocombustível caiu 5,1%, para 784 mil barris por dia - o que consumiu o equivalente a 2 milhões de toneladas de milho, principal matéria-prima do produto nos EUA. O menor patamar até então havia sido atingido no fim de setembro de 2012, com a oferta de 785 mil barris diários.

Já os estoques subiram 2,6%, para 20,4 milhões de barris, o que reverteu o declínio da semana anterior. Em dezembro, os estoques de etanol nos EUA haviam alcançado o maior volume em seis meses - 20,8 milhões de barris.

Na bolsa de Chicago, referência mundial para a formação dos preços do milho, o grão chegou a ser pressionado assim que os dados foram divulgados, mas a tensão com os estoques enxutos da commodity sustentou as cotações. Assim, os contratos com entrega em maio (que ocupam a segunda posição de entrega, normalmente a de maior liquidez) fecharam em ligeira alta de 0,06%, a US\$ 7,2125 por bushel.

Segundo Stefan Tomkiw, do Jefferies Bache, em Nova York, há uma queda sazonal na produção de etanol no Brasil atualmente, o que pode dar algum suporte às cotações do etanol americano. Além disso, existe um cenário de margens positivas para o "blend" (mistura de etanol à gasolina), e pode haver um repique na produção do biocombustível nas próximas semanas. "O preço do milho não está tão atraente, mas se combinarmos a demanda dos derivados de etanol, a conta acaba fechando mesmo com o custo maior". **(Com Dow Jones Newswires)**.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Catia Grisa, Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo,
Georges Flexor, Jorge Romano, Lauro Mattei,
Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal,
Renato S. Maluf, Silvia Zimmermann

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto, Karina Kato,
Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa